

JAN/FEV 1985 - Nº 1

ADVENTISTA

Ministério

Uma Revista para Pastores e Obreiros

OS MIL DIAS DE COLHEITA ENTRAM EM ETAPA FINAL



**Chegou a Hora de
Apressar o Passo**



Erto/Casa



A.Devaney

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Direção de Arte:
Rogério Sorvillo Vieira

Produção Visual:
Cláudio Sampaio de Oliveira

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff, José C. Bessa,
Alcides Campolongo,
Severino Bezerra, Jefte de Carvalho

Todo artigo ou qualquer
correspondência para a revista
O MINISTÉRIO ADVENTISTA
devem ser enviados
para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279 - Brasília, DF
Editado bimestralmente pela
Casa Publicadora Brasileira.

ARTIGOS

3 O EVANGELISMO: SUPREMA MISSÃO DA IGREJA

G. W. Brown

5 O PECADO: UM ERRO TRANSCENDENTE

Miguel Angel Roig

8 O VALOR DE UM FILHO

Raul L. Posse

11 O SEGREDO DE UM EVANGELISMO TRIUNFANTE

Carlos E. Aeschlimann

14 É ERRADO USAR MEDICAMENTOS?

Dr. Raymond O. West

18 CHEGOU A HORA DE APRESSAR O PASSO

Carlos E. Aeschlimann

19 A CRONOLOGIA DOS REIS HEBREUS

Edwin R. Thiele

23 O PASTOR NEAL WILSON DIRIGE GRANDE CAMPANHA EVANGELISTICA

Humberto Moreno Vargas

O Evangelismo: Suprema MISSÃO da IGREJA

G. W. Brown

Presidente da Divisão Interamericana

O mais essencial para executar de maneira eficaz nossa missão evangelizadora mundial é estarmos absolutamente certos do conteúdo, do significado e do propósito de nossa mensagem.

Não devemos abrigar dúvidas, incertezas e ansiedades quanto à autoridade de nossa mensagem e quanto à urgência de nossa tarefa mundial. É vital para nossa própria existência que continuemos sendo um povo irreversível e fervorosamente dedicado ao evangelismo.

todo o mundo, com certeza, urgência e autoridade. Esta é a pressuposição fundamental do adventismo. Fora desta premissa, a Igreja não tem razão para sua existência, nem direito de pregar, e nada de especial para dizer ao mundo. É por isso que a Igreja Adventista encara com extrema seriedade e urgência sua missão de evangelização mundial.

O mais essencial para executar de maneira eficaz nossa missão evangelizadora mundial é estarmos absolutamente certos do conteúdo, do significado e do propósito de nossa mensagem. Não devemos abrigar dúvidas, incertezas e ansiedades quanto à autoridade de nossa mensagem e quanto à urgência de nossa tarefa mundial. É vital para nossa própria existência que continuemos sendo um povo irreversível e fervorosamente dedicado ao evangelismo. A teologia adventista deve permanecer distintamente missionária e evangelizadora em sua natureza. Tanto os dirigentes como os leigos têm a solene responsabilidade de dar primazia e centralidade a uma fervorosa teologia das missões. Para os adventistas, o evangelismo não é somente uma atividade opcional entre uma diversidade de funções equivalentes da Igreja. É a missão central, a ordem divina, a grande comissão e o imperativo premente.

A Igreja foi trazida à existência e é organizada com o propósito principal de evangelizar o mundo com a última mensagem de advertência da parte de Deus. A missão evangelizadora da Igreja é, portanto, dominante, e deve predominar sobre todas as outras atividades e funções da Igreja. Executar nossa incumbência mundial deve receber absoluta prioridade no programa de todos os nossos congressos, concílios, me-

Para os Adventistas do Sétimo Dia, o evangelismo é algo vital, dominante e indispensável no cumprimento da missão mundial da Igreja. A prioridade que o evangelismo ocupa no programa da Igreja Adventista do Sétimo Dia se baseia na profunda consciência que ela tem de sua origem, de seu destino e de sua missão. Os adventistas crêem firmemente que no momento preciso na História, e em cumprimento da profecia, Deus levantou a Igreja remanescente e lhe confiou sua mensagem original, redentora e centralizada na Bíblia. Além disso, ao dar à Igreja uma mensagem especial dentro do âmbito do evangelho eterno, Deus também atribuiu à Igreja a missão especial de evangelizar o mundo. Esta missão é o mandato divino de proclamar a mensagem final de salvação e juízo a toda a humanidade, em

sas administrativas, assembléias e convocações. A posição central de nossa missão evangelizadora é dominar todas as atividades em todos os níveis e em todas as frentes. Não devemos permitir que outra atividade da Igreja iguale, substitua ou supere esse evangelismo vigoroso e animoso.

A designação da Igreja é clara e inequívoca. "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura." S. Mar. 16:15. Com urgência imperativa, Jesus disse: "Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações." S. Mat. 28:18-20. Por conseguinte, a Igreja está sob a solene ordem de evangelizar os habitantes do planeta Terra com o evangelho eterno. Deus nunca suspendeu, revogou ou modificou Sua ordem de evangelizar o mundo. Enquanto S. Marcos 16:15 e S. Mateus 28:18-20 fizerem parte das Escrituras Sagradas, uma Igreja comissionada e obediente não terá outra opção senão prosseguir num evangelismo total e dinâmico.

"A obra evangelística, de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar, mais e mais, o tempo dos servos de Deus.... O Senhor determinou que a proclamação desta mensagem fosse a maior e mais importante obra no mundo, para o presente tempo." — *Evangelismo*, págs. 17 e 18.

Como Igreja especial de Deus, nossas ordens de marcha continuam sendo as mesmas: "Ide por todo o mundo." Isto inclui o terceiro mundo, o mundo industrializado, o mundo cristão e o mundo não cristão. Abrange a Europa e a África, a Ásia e as Américas, o Extremo Oriente e o Próximo Oriente, a Austrália e as ilhas do mar. A obra nunca terminará em nenhuma parte até que tenha terminado em todas as partes! O mundo inteiro deve ser confrontado com o evangelho eterno em seu aspecto original, histórico e profético, tal como foi confiado à Igreja remanescente. Chegou o momento de a Igreja Adventista fazer extraordinário esforço a fim de evangelizar o mundo para Cristo, sob a influência e o poder do pentecostes. Somente semelhante esforço extraordinário e coletivo poderá acompanhar o passo da explosão demográfica de nossa época. Esta explosão evangelizadora deve ir ao encontro da explosão demográfica. Somente uma ofensiva evangelizadora sem precedente e de proporções pentecostais poderá competir com a explosão demográfica. Chegou a hora para a Igreja

pôr em movimento uma nova estratégia mundial que alcance os incontáveis milhões de seres humanos que povoam a Terra, com a mensagem do evangelho eterno. A fim de empreender esta colossal tarefa de evangelização mundial, a despeito da explosão demográfica e de outras complexidades que nos desafiam, a Igreja mundial se aventurou a realizar um avanço evangelizador sem precedente, conhecido como *Os Mil Dias de Colheita*. Até agora tudo indica que este empreendimento de origem celestial está a caminho de alcançar seu clímax triunfante. Durante os dias que restam dos Mil Dias de Colheita, precisamos intensificar de modo coletivo e unificado nossos esforços evangelizadores, a fim de assegurar que o objetivo desta grande tarefa que nos foi designada, não somente seja alcançado, mas ultrapassado. Além disso, o ímpeto evangelizador obtido nos Mil Dias de Colheita deve aumentar progressivamente até que a Igreja mundial seja cativada num inexorável avanço conquistador de almas, que continue com crescente fervor até que todo o mundo seja iluminado com a glória da última mensagem de Deus. Este grande empreendimento evangelizador deve ser um degrau para uma era evangelizadora de alcances mais amplos da Igreja Adventista. Uma igreja apática negaria sua missão divina. A urgência de nossa mensagem é simbolizada vividamente por anjos voando pelo meio do céu, levando o evangelho eterno (Apoc. 14:6).

O adventismo começou com um espírito de urgência e chegará a seu clímax com esse mesmo espírito. O espírito de urgência evangelizadora deve ser a marca distintiva de cada congregação, instituição, indústria e organização adventista. Temos uma mensagem de salvação e redenção que deve ser dada com premente urgência. A advertência do profeta é que o Dia do Senhor está perto. Mudanças históricas, políticas e econômicas de vasto alcance estão ocorrendo em todo o mundo, com conseqüências alarmantes para a Igreja no cumprimento de sua missão global. As portas estão se fechando. O que a Igreja precisa fazer, deve fazê-lo com urgência, porque a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

A igreja não pode diminuir seu impulso evangelizador. Nossa tarefa é demasiado transcendental, demasiado importante, demasiado urgente, demasiado imperativa. As múltiplas evidências que se vêem ao nosso redor proclamam com eloqüência o fim catastrófico do mundo e a proximidade do ju-

biloso regresso de nosso Rei. Sob a direção do Espírito Santo, chegou o momento de a Igreja lançar-se no maior empreendimento evangelizador já realizado na História.

Chegou o tempo de uma ofensiva evangelizadora em toda a amplitude da Terra e que envolva toda a Igreja. Chegou o tempo de a Igreja procurar métodos novos, criadores e desafiantes — de evangelismo — para bombardear eficazmente o planeta Terra com a última mensagem de Deus. Chegou o tempo de nossas casas publicadoras saturarem o globo com nossa literatura repleta da mensagem. Chegou o tempo de utilizar todos os nossos recursos materiais, espirituais e intelectuais para uma operação coletiva e evangelizadora de dimensões mundiais. A urgência do tempo demanda uma mobilização total de líderes e leigos da igreja numa ação evangelizadora. Chegou o tempo de conceder a mais alta prioridade à utilização de nosso pessoal, de todos os talentos materiais, meios e recursos numa

obra de evangelismo repleta do Espírito. O evangelismo, para que seja eficaz, deve ser total, amplo, cheio do Espírito e resolutivo. O desafio é para evangelismo da literatura, das comunicações em massa, da saúde; evangelismo público e pessoal; de jovens, leigos, pastoral; evangelismo de porta em porta; de assistência social e das instituições. Este enfoque tem cabimento numa igreja completamente mobilizada, motivada e conduzida pelo Espírito. Unicamente quando a Igreja recuperar esta total dedicação evangelizadora, consumidora e cheia de zelo, será a Terra iluminada com a glória de Deus. Então, e somente então, será terminada a pregação do evangelho, e estabelecido o reino de Deus. Para experimentar esse dia, há necessidade de três coisas:

1. Um reavivamento total;
2. Uma reforma total; e
3. Uma participação total no evangelismo.

O PECADO: Um erro Transcendente

Miguel Angel Roig

*Licenciado em Filologia Clássica pela
Universidade Autônoma de Madri. Professor
de Latim e de Grego do Novo Testamento*

“O pecado é uma condição maligna do coração, e mesmo um só pecado não é meramente um pecadinho, e, sim, uma ação que resulta da pecaminosa condição da natureza humana.”

No Novo Testamento há vários termos gregos que em castelhano e português comumente são traduzidos por “pecado”. A maior parte dessas palavras gregas apenas tem relevância, pois sua freqüência no léxico grego do Novo Testamento é muito escassa. No entanto, o substantivo *hamartia* (“pecado”), o verbo *hamartano*

(“pecar”) e alguns outros vocábulos gregos derivados ou compostos dessas palavras aparecem mais de 250 vezes no Novo Testamento.¹

Significado de “Hamartia” no Grego Clássico

A palavra *hamartia*, que em nossas Bí-

blias foi invariavelmente traduzida por "pecado", não tinha no grego clássico esta mesma significação. No grego clássico, o significado básico de *hamartia* expressa sempre a idéia de "erro" ou "falta". Nas competições atléticas, mui freqüentes e mui apreciadas pelos gregos antigos, quando um atleta lançava sua lança ou dardo e não acertava no alvo, o juiz encarregado de vigiar a prova erguia uma pequena bandeira branca e pronunciava a palavra *hamartia*, isto é, "erro", e, portanto, a conseqüente desqualificação do atleta. A palavra *hamartia* também era empregada para expressar a idéia de errar o caminho, de falhar num plano que alguém se havia proposto, de frustrar uma esperança ou um propósito por qualquer motivo.² Mais tarde, associou-se-lhe a idéia do bem e do mal, de maneira que no Novo Testamento *hamartia* significa não fazer o bem que é o alvo e, por conseguinte, fazer o mal, pecar. Raras vezes significa, no Novo Testamento, um simples erro ou falta. No Novo Testamento, o significado fundamental de *hamartia* não é o de um ato cometido, e, sim, o estado de pecado, do qual dimanam todas as tendências pecaminosas. Com efeito, é a palavra empregada em passagens onde não há referência a determinado pecado, como por exemplo: "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" Rom. 6:2. "Sem lei está morto o pecado." Rom. 7:8. E muitas outras passagens.³

Usos de "Hamartia" no Novo Testamento

A palavra *hamartia* tem diversos usos e aplicações no Novo Testamento. Os mais importantes são os seguintes:

1. *Hamartia*, pecado, é universal (Rom. 3:23; 7:14; Gál. 3:22; I S. João 1:8). O pecado não é algo que afeta a alguns homens, e não a outros. É alguma coisa que envolve a todo ser humano e de que todo ser humano é culpável. Também não é algo temporal ou esporádico, mas o estado, a condição universal do homem.

2. *Hamartia*, pecado, é um poder que submete o homem. No grego há várias expressões e palavras que expressam muito bem esta idéia. A preposição *hippos*, quando acompanha uma palavra no acusativo, significa "sob o domínio de", "dependente de". Em Romanos 3:9 e Gálatas 3:22 é dito que estamos debaixo do pecado (*hyf hamartian*,) isto é, em poder do pecado, controlados pelo pecado. O pecado reina (*basileuo*) no homem (Rom. 5:21). Ele governa os ho-

mens e tem domínio (*kyreuo*) sobre nós (Rom. 6:14). O substantivo grego *kyrios*, que significa senhor, encerra a idéia de "dono", isto é, de alguém que tem domínio e poder absoluto. Numa expressão similar, o apóstolo Paulo disse que o pecado nos mantém cativos (*aichmalotidsos*): (Rom. 7:23). Esta palavra era utilizada pelos gregos para designar os prisioneiros de guerra que, como tais, não tinham absolutamente nenhum direito e estavam à mercê do que os vencedores quisessem fazer com eles. Paulo também disse que o pecado habita (*oikéo*) no homem (Rom. 7:17 e 20). O pecado não é, pois, um agente externo que opera de vez em quando no homem, mas algo que habita permanentemente no coração humano e nos induz continuamente ao mal.

De tudo isto se depreende que o homem é escravo (*doulos*) do pecado (S. João 8:34; Rom. 6:6, 17 e 20). Importa recordar que os direitos dos escravos na antiguidade eram nulos. O escravo não tinha direito a nada e não podia dispor de coisa alguma. Os senhores podiam fazer o que quisessem com os escravos, desde obrigá-los a trabalhar despidosamente até maltratá-los e mesmo matá-los. Assim também, o homem está totalmente sob o domínio do pecado.

3. *Hamartia*, pecado, tem graves conseqüências: a) O pecado produz endurecimento (*skleryno*) do coração (Heb. 3:13). Em sua forma mais simples, o adjetivo *skleros* pode aplicar-se a certas pedras ou madeiras que são muito duras e, por conseguinte, muito difíceis de trabalhar ou de lavrar. Também pode aplicar-se a certas pessoas que têm um caráter duro e áspero. Paulo orava para que os filipenses tivessem *aisthesis*, isto é, boa sensibilidade, e não um endurecimento de coração (Filip. 1:9). Se for cometido freqüentemente, o pecado tem a funesta qualidade de endurecer nossa consciência e tornar-nos insensíveis aos apelos do Espírito Santo.

b) O pecado produz uma morte (Rom. 5:12 e 21; 6:16; S. Tia. 1:15) a que todos estamos sujeitos, pois, como dissemos anteriormente, o alcance do pecado é universal.

c) *Hamartia*, pecado, se relaciona com *blasfemia* (S. Mat. 12:31). A palavra *blasfemia* significa basicamente "insulto". O pecado é um insulto a Deus, visto que aquele que o comete está zombando dEle ao violar os Seus mandamentos.

d) *Hamartia*, pecado, se relaciona com *apate* (Heb. 3:12). A palavra *apate* significa "enganar". O pecado é sempre enganoso, pois as pessoas que o praticam na maior

parte das vezes o fazem pensando que assim serão mais felizes. No entanto, tal como aconteceu pela primeira vez com Adão e Eva, os resultados são bem distintos.

e) *Hamartia* se relaciona com *epithymia*. Esta palavra significa "concupiscência", "cobiça", "desejo", etc. Em qualquer caso expressa a noção de desejar o que não se deve. Com efeito, esta é a palavra empregada na Septuaginta para designar o décimo mandamento: "Não cobiçarás."

f) *Hamartia* se relaciona também com *anomia*. Em I S. João 3:4 *anomia* significa "desobediência à lei". Os escritores gregos clássicos consideravam a palavra *anomia* como sinônimo de ilegalidade, anarquia e desordem. No sentido religioso *anomia* é o espírito que induz o homem a desobedecer à lei de Deus e fazer o que bem entende.

g) *Hamartia* se relaciona com *adikia* (I S. João 5:17). O significado básico de *adikia* é o de injustiça, iniquidade, mal. Em Romanos 3:5 o apóstolo Paulo disse que nossa injustiça *adikia* realça a justiça *dikaioσύνη* de Deus.

h) Por último, *hamartia* se relaciona também com a palavra *prosopolepsia*. No segundo capítulo da Epístola de S. Tiago é usado várias vezes o vocábulo *prosopolepsia*, cujo significado fundamental é o de "acepção de pessoas". No versículo 9 o apóstolo disse que quem faz acepção de pessoas (*prosopolepsia*) comete pecado (*hamartia*).

O que Deus Faz com os Nossos Pecados?

Até agora temos examinado o aspecto negativo do pecado. Embora o pecado não contenha nenhum aspecto positivo, Deus assume tal atitude de amor para com o pecador que nos torna mais positivos e otimistas.

Em primeiro lugar, Jesus nos salva (*sodso*) do pecado. Como dissemos a princípio, todos temos pecado, e o salário do pecado é a morte. Necessitamos, portanto, que alguém nos resgate. Esse resgate Jesus o pagou com Sua vida. Nossos pecados são apagados (*eksaleifo*) através da obra redentora de Cristo (Atos 3:19; ver também Colos. 2:14 e Apoc. 3:5).

Em segundo lugar, Deus, por Seu grande amor, não nos "imputa pecado" (*loguidsomai*). O significado básico de *loguidsomai* é o de contar, lançar na conta. Nossos livros de registro estão com números vermelhos e continuamente aparecemos como devedores. Jesus ensinou a Seus discípulos que

eles deviam orar a Deus pedindo que lhes perdoasse as dívidas. Segundo o apóstolo Paulo, Deus não nos imputa os nossos pecados (Rom. 4:8) porque os cobriu (*epikalupto*) antes disso (Rom. 4:7). A palavra *epikalupto* é utilizada para indicar que um caminho foi coberto pela neve, o pano que cobre o cenário ou parte dele, etc. É como se Deus, por Seu infinito amor, puxasse o véu sobre nossos seres pecaminosos e não os visse nunca mais.

Em terceiro lugar, Deus nos liberta (*eleytheroo*) do pecado (Rom. 6:18 e 22; 8:2) e nos desata (*lyo*) as ataduras do pecado (Apoc. 1:5). Indicamos anteriormente que éramos escravos do pecado e que estávamos sob o domínio do pecado; no entanto, Jesus, ao morrer por nós, nos libertou do pecado e nos dá poder para continuar sendo livres.

Por último, Jesus nos perdoa (*afiemi*) todos os nossos pecados (S. Mat. 9:2; S. Mar. 2:10; S. Luc. 7:47; Atos 2:38; Colos. 1:14, etc.). O verbo *afiemi* tem várias acepções. Entre outras, pode significar indultar, perdoar uma dívida, eximir de um cargo, etc. De modo definitivo, significa o perdão ou indulto imerecido de uma pessoa à qual se poderia haver exigido o que reclama a justiça. Por meio de Cristo o homem é libertado de um castigo que Deus nos poderia haver aplicado com toda a razão. Deus não age somente com justiça, mas também com misericórdia.

Conclusão

Depois de haver estudado os significados e os usos de *hamartia* no Novo Testamento, podemos tirar uma conclusão que "muitos cristãos parecem não querer compreender: que o pecado é uma condição maligna do coração e que mesmo um só pecado não é meramente um pecadinho, e, sim, uma ação que resulta da pecaminosa condição da natureza humana".⁴

Não há nenhum livro como o Novo Testamento para indicar que o pecado tem um sentido tão funesto, e para nos mostrar ao mesmo tempo como podemos ficar livres dele.

O evangelista João, que compreendeu muito bem esta lição, nos diz em sua primeira Epístola: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-Lo

mentiroso e a Sua palavra não está em nós... Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro." I S. João 1:8-10; 2:1 e 2.

Notas e Referências

1. Petter, Hugo M., *La nueva concordancia greco-española del Nuevo Testamento*, 2ª edição. Mundo Hispano, Barcelona, 1980, pág. 643.

2. Bailly, Antonine, *Dictionnaire greco-français*, 36ª ed., Hachette, Paris, 1980, pág. 93.

3. Greenle, J. Harold, *Secretos claves de términos bíblicos*, Casa Nazarena de Publicaciones, Kansas City, s. f., págs. 7 e 8.

4. *Idem*, pág. 8.

* Na elaboração deste trabalho levamos muito em conta a obra de William Barclay, *Palavras gregas del Nuevo Testamento*, Casa Bautista de Publicaciones, Barcelona, 1977, págs. 91-96.

A edição do Novo Testamento grego que utilizamos em toda a série, é a de José Maria Bover e José O'Callaghan, *El Nuevo Testamento trilingüe*, BAC, Madri, 1977.

O texto da Septuaginta que empregamos é o de Alfred Rahlfs, 9ª ed., Editorial Wurttembergische Bibelanstalt, Stuttgart, 1972.

O VALOR DE um filho

Raul L. Posse

Custa muito criar um filho. Custa dinheiro, esforço, dedicação e oração a todos nós: pais, professores, igreja. Neste mundo não há, porém, melhor investimento do que aquele que fazemos com nossos filhos.

Ultimamente surgiu acentuado interesse por conhecer o custo material de um filho. Assim, e em virtude do início do ano escolar, muitos periódicos e revistas gerais e especializadas se dedicaram, num assombroso esforço jornalístico, a averiguar por todos os meios técnicos e sociais de pesquisa, a quanto ascende o custo de um filho desde que nasce até aos 14 anos.

Deu-se ênfase aos custos escolares, e, portanto, foram investigados todos os tipos de escolas, todos os níveis e os instrumentos exigidos para essa escolarização: roupa, livros, equipamento, transporte, esportes, etc. As respostas variaram de acordo com os setores sócio-econômicos, chegando algumas publicações a falar de impressionantes somas milionárias.

A conclusão, um tanto decepcionante, é que, tanto o interesse como os índices usados, se centralizavam somente no custo econômico, e bem poucos refletiam sobre qual era o valor real de uma criança.

Valor Imediato ou Transcendente

Será que os pais e professores ignoram os investimentos feitos com um filho, em esforço, ilusões, cuidados, preocupações, afeto, esperanças..., além dos econômicos?

Quanto custa criá-lo vigoroso, alegre, pacífico, responsável, respeitoso, espiritual? Ou não se investiu nada nisso?

Creio que é muito bom investir dinheiro em escolas, professores, livros, equipamen-

tos, transporte, alimentação, ginástica, etc., enquanto durar sua escolaridade, contanto que esta produza resultados concretos para a pessoa e para a sociedade, e não seja mais um objeto da manipulação dos interesses subterrâneos. Mas, quem é o responsável por orçar e conduzir a "gestão" da inversão real que uma criança requer num desenvolvimento integral, harmonioso e transcendente?

Na hora da reflexão e da séria realização, que valores devem ser levados em conta pelos pais e por todos os responsáveis pela educação e formação de uma criança?

As famílias e os colégios perguntam hoje em dia qual é a importância que tem uma boa saúde psicofísica das crianças. Nos orçamentos familiares e escolares é levada em conta a justa inversão numa boa alimentação? Ou isto é simplesmente uma questão de encher o estômago ou satisfazer o apetite com alguns cruzeiros? E assim poderíamos estender este questionário a todos os fatores que contribuem para desenvolver uma criança vigorosa, forte e sadia.

No mundo hodierno há uma preocupação dominante ao ver a juventude, os adolescentes e mesmo as crianças envolvidos num torvelinho de paixões, rivalidades e agressões de todo o tipo. Estamos educando nossas crianças dentro de um modelo social que contribua para a convivência amável e para o diálogo construtivo?

Sem dúvida alguma, os valores sociais estão sendo descuidados pelos programas educativos familiares, escolares e comunitários. Pode ser que a louca corrida "monetarista", que domina todos os setores, cause certa inconsciência na hora de investir no autêntico desenvolvimento social de uma criança.

Tanto nos lares como nos colégios e outras instituições formadoras da personalidade e da cultura de uma criança, a inversão supérflua e caprichosa às vezes substitui a fundamental e imprescindível para a aquisição desses valores sociais que preparam um ser humano capaz de controlar um mundo difícil com equilíbrio, prudência e sabedoria.

À avaliação do valor de um filho devia ser acrescentada uma boa quantidade de recursos econômicos, técnicos e humanos, e prover para sua jovem vida modelos, instalações adequadas, música, livros, filmes, revistas e técnicas de participação, de orientação e de criação, de modo que a criança se converta num adulto de grande qualidade e capacidade social.

Muito vinculados com os valores sociais estão os valores psicológicos, pois estes incidem condicionando a conduta externa dos indivíduos e regulando a vida interior.

Até há poucas décadas, a medicina psicossomática — em especial a psiquiatria — não se preocupava demasiado com o "paciente infantil". Mas, com o aumento das enfermidades nervosas, das irregularidades psicossomáticas, das depressões e instabilidades da conduta e do aprendizado das crianças, a pediatria geral não pôde passar por alto este capítulo, e cada vez é maior a intervenção do psiquiatra infantil.

Quem são os responsáveis por esse desajuste neurótico? Talvez convenha olhar rapidamente no programa diário de uma criança, tanto em sua casa como no colégio ou na sociedade.

Ela descansa bem e o suficiente? Suas comidas e bebidas (não falo das "drogas mascaradas") contribuem para fortalecer seu sistema nervoso submetido ao estresse moderno? As relações familiares contêm a necessária quota de afetividade, companhia, compreensão, responsabilidade, autoridade? O colégio é um meio de ilusão para sua formação futura ou é um condicionamento forçoso, se não ameaçante? Os programas de rádio e de televisão, musicais, literários, esportivos, etc. contribuem para aprofundar uma vida interior rica em matices de pureza, serviço abnegado e confiança, que afastem de sua consciência o aguilhão do sentimento de culpa?

A resposta às interrogações precedentes devia levar-nos a reconsiderar a inversão de recursos nesses bens de que nossas crianças e jovens tanto necessitam para enfrentar de modo solvente o inquietante bombardeio de uma civilização alienada pela insegurança em todos os sentidos.

Acontece a mesma coisa com a consecução de outros valores, como os intelectuais, morais e espirituais — de tanta ou mais importância que os anteriores — e que requerem um redelineamento sério e urgente dos que, em níveis distintos, têm a delicada missão de intervir bem, muito e oportunamente nos autênticos valores que farão de uma criança um ser humano sadio, seguro, capaz, fraterno e espiritual.

Algumas Reflexões Críticas

Cumprido perguntar, então, com seriedade: Que representa uma criança para a sociedade atual? Para boa parte do comércio,

representa, junto com o adolescente, um importante filão em suas vendas, porque é fácil de ser influenciada e persuadida. Para os meios de expressão social, constitui um ouvinte dócil e assíduo que absorve com incrível capacidade de sugestão e retenção, sem crítica madura, devido à sua inexperiência, qualquer programa ou mensagem de palavras vãs, ou pior ainda, com laivos de ideologias materialistas e atéias.

Para muitas escolas, a criança representa o homem do futuro, o "modelo" de uma sociedade desenvolvida, altamente tecnicizada e, infelizmente, desumanizada.

Não poucos professores sentem desejo de adestrar as faculdades das crianças para que possam inserir-se com êxito neste mundo competitivo e exigente, onde a ciência e a técnica proporcionam teórico bem-estar, muitas vezes irônico, diante da marginalização dos que sofrem ou das cruéis discriminações dos que não "produzem" (segundo os índices materialistas) e em atitudes cada vez mais agressivas, para não dizer bélicas, em defesa do que consideram paz e progresso.

Os programas escolares que têm a "debilidade" de enfatizar o desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança, detendo-se em sua saúde psicofísica e no desenvolvimento de sua dimensão afetiva, social e moral e, sobretudo, espiritual, são considerados desatualizados ou "do terceiro mundo", porque não gastam a maior parte de seus recursos em preparar "gênios calculadores" de uma alucinada corrida de "superação um do outro", e, dessa maneira, o fantasma de Nietzsche, com um novo "superhomem tecnológico", arrebatando os sonhos lúdicos e os ingênuos sorrisos das almas infantis.

Para um bom número de pais, os filhos representam projeções egoístas — cons-

cientes e inconscientes — se não obstáculos ou interferências em sua vida privada de homens dentro de uma sociedade de "moral livre" e que nada mais é do que uma máscara de sua instabilidade e, às vezes, de sua contaminação espiritual. Há pais para quem os filhos constituem graciosos bonecos, fáceis de manejar, vestir e exibir; por isso cuidam deles com irracional superproteção. Para outros, os filhos são a representação corpórea do sensualismo frustrante, da imprevisão de todos os planos da vida doméstica, da improvisação de qualquer planejamento familiar, e essas indefesas criaturas constituem os "indesejáveis resultados" de sua experiência matrimonial.

Não devemos olvidar a Igreja, com suas atividades espirituais, pois desempenha um papel importantíssimo na vida das crianças. Já salientamos a importância dos valores espirituais, mas importa lembrar que na igreja, estes valores, do ponto de vista doutrinário, não se acham separados dos outros valores, em especial dos afetivos, intelectuais, sociais e morais, pois eles se acrescentam em relação ao que é espiritual.

Os pais devem compreender que a Igreja investe positivamente ao dedicar considerável atenção à educação religiosa das crianças, por meio de suas distintas organizações: Escola Sabatina, Clube de Desbravadores, programas, semanas especiais, excursos, etc. A Igreja deve continuar realizando extraordinário e transcendente trabalho formativo na vida das crianças. Por outro lado, se a Igreja é formalista, rigorista e descuidada em prover instruções adequadas para seu desenvolvimento espiritual — quer seja por falta de equipamento e instalações ou de líderes bem preparados; se a Igreja demonstra ser só uma igreja de adultos, é provável que a criança se ressinta dentro dela e comece a ter conceitos equivocados ou extremos em sua relação pessoal com Deus e com seus irmãos.

A solução estaria em considerar o valor de um filho, carnal ou espiritual, mas sempre uma criança ou um jovem, num sentido integral, com o grande propósito de um desenvolvimento harmônico e completo.

É necessário um programa com objetivos bem claros e com uma supervisão permanente em prol da vida das crianças. É mister preocupar-se em boas escolas e instituições, mas isso implica não somente um compromisso econômico, mas também pessoal e constante por parte dos pais, dos colégios, da sociedade e da Igreja.



A. Devaney

O Segredo de um Evangelismo Triunfante

Carlos E. Aeschlimann

Secretário Ministerial da Divisão Interamericana

Na execução da tarefa prioritária que é evangelizar, deve-se evitar o grave erro de atribuir essa responsabilidade somente ao pastor. É comum que os pastores trabalhem arduamente, e a igreja permaneça inativa, o que nunca foi o plano de Deus.

Para a Igreja em seu conjunto, para as organizações, para a igreja local, seus pastores e os membros, é absolutamente necessário estabelecer prioridades e agir de acordo com elas. Não resta dúvida de que Jesus tinha uma prioridade clara e definida: "A Minha comida consiste em fazer a vontade d'Aquele que Me enviou, e realizar a Sua obra." S. João 4:34. Nada e ninguém pôde desviar a Jesus do cumprimento cabal do que considerava prioritário.

A Igreja primitiva e os discípulos chegaram a uma crise ante a multiplicidade de tarefas que se acumulavam e que os mantinham muito ocupados, mas à custa de desviá-los do que era prioritário. Felizmente, eles reagiram, estudaram a situação e chegaram à seguinte conclusão: "Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. ... Escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra." Atos 6:2-4. Os apósto-

los definiram o que era prioritário: "o ministério da palavra", decidiram que eles se dedicariam inteiramente à referida missão prioritária e delegaram as outras tarefas a um grupo fiel e capacitado de leigos.

Qual é a grande prioridade para a Igreja Adventista na atualidade? "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo. ... Então virá o fim." S. Mat. 24:14. "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." S. Mat. 28:19. Não há dúvida de que Cristo considerou que a tarefa prioritária da Igreja e seus dirigentes era a proclamação do evangelho. Que diz o Espírito de Profecia? "O Senhor determinou que a proclamação desta mensagem fosse a maior e mais importante obra no mundo, para o presente tempo." — *Evangelismo*, pág. 18. "Devemos considerar bem de frente nossa obra, e avançar o mais rapidamente possível, num combate agressivo." — *Serviço Cristão*, pág. 79.

Que dizem os dirigentes da Igreja? Há vários anos a Associação Geral votou o documento sobre o evangelismo e a terminação da obra, o qual estabelece a prioridade da Igreja: "A corrente vital da Igreja é o evangelismo; sem ele a Igreja não pode existir. A Igreja foi organizada para evangelizar, e sua missão peculiar é levar o evangelho ao mundo. Se permitirmos que a primazia e centralidade do evangelismo compenetre cada ato da Igreja, sempre manteremos as prioridades onde Deus quer que estejam. Qualquer atividade dentro da

Igreja que ameace ou substitua o evangelismo é certamente um instrumento de Satanás, e é ilegítimo." É claro que Jesus, o Espírito de Profecia e a direção da Igreja determinam que a prioridade é evangelizar.

Evitando um Erro Perigoso e Fatal

Na execução da tarefa prioritária que é evangelizar, deve-se evitar o grave erro de atribuir essa responsabilidade somente ao pastor. É comum que os pastores trabalhem arduamente, e a igreja permaneça inativa, o que nunca foi o plano de Deus. O Espírito de Profecia faz enérgicas advertências, procurando evitar que se chegue a pensar que a obra de evangelizar é privativa dos obreiros:

"Não é o desígnio do Senhor que se deixe aos ministros a maior parte da obra de semear a semente da verdade." — *Serviço Cristão*, pág. 67.

"O ministro não deve sentir ser seu dever fazer todas as pregações e todos os trabalhos e todas as orações." — *Idem*, pág. 69.

"A idéia de que o ministro deve arcar com todos os encargos e fazer todo o trabalho, é grande erro." — *Idem*, pág. 68.

"É erro fatal supor que a obra de salvação de almas depende só do ministério." — *Ibidem*.

Fazer com que os pastores e as igrejas creiam que a obra de evangelizar e pastorear pertence unicamente ao pastor tem sido e é mortífera arma de Satanás que tem conseguido deter e atrasar a terminação da obra. Moisés caiu no mesmo erro, mas seu sogro Jetro, sacerdote de Deus, lhe aconselhou sem rodeios: "Não é bom o que fazes. Sem dúvida desfalecerás, assim tu, como este povo que está contigo; pois isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer." Êxo. 18:17 e 18.

"Foi um grande golpe de estratégia, quando o diabo conseguiu dividir a Igreja em dois grupos — o clero e os leigos. Esta divisão não existia na Igreja apostólica." — Roy Allan Anderson, *O Pastor-Evangelista*, pág. 64.

Quem Deve Evangelizar?

A quem foi confiada a grande comissão? Responde o Espírito de Profecia: "A Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e sua missão é levar o evangelho ao

mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que Sua Igreja reflita para o mundo Sua perfeição e competência." — *Serviço Cristão*, pág. 15.

"Alguém tem de cumprir a comissão de Cristo; alguém tem que levar avante a obra que Ele começou a fazer na Terra; e este privilégio foi concedido à Igreja. Para este fim foi ela organizada." — *Idem*, pág. 14.

Nunca foi o propósito de Cristo que a tarefa de evangelizar fosse apenas dos pastores. Ela pertence à Igreja em conjunto. Este é o método correto e a melhor estratégia. "Para ser fiéis a nossa herança e estar à altura de nossa tarefa atual, nossa estratégia deve insistir em que se considere a evangelização como a responsabilidade de toda a Igreja." — Sérgio Franco, *Evangelismo, um conceito en revolución*, pág. 43.

Até mesmo destacados evangelistas concordam com o conceito de que a missão evangelizadora corresponde à Igreja em seu conjunto: "O evangelismo não é uma obra para uns poucos especialistas. Evangelismo é a obra que Jesus designou a todos os Seus seguidores." — John Shuler, *Public Evangelism*, pág. 15. "O êxito no evangelismo não depende tanto da habilidade de um evangelista como da atividade conjunta da Igreja." — John Fowler.

A Vocação Evangélica dos Leigos

Nos grandes empreendimentos divinos é constante a participação do ser humano. Deus chamou a Noé para pregar e construir; a Moisés para libertar a Seu povo; na tomada de Jericó participou todo o povo, e quando em Ai só participaram uns poucos, sobreveio a derrota, até que todos novamente participaram. "Os homens são instrumentos nas mãos de Deus, por Ele empregados para cumprirem Seus propósitos de graça e misericórdia." — *Serviço Cristão*, pág. 11.

Cristo adestrou os apóstolos e outros grupos de crentes para que levassem o conhecimento do evangelho a todo o mundo. Depois de curar o endemoninhado de Gadara, ordenou-lhe que retornasse a sua comunidade, para contar o que Deus fizera por ele.

Na Igreja primitiva todos eram missionários. Pedro pregava, mas também o leigo Estêvão. O Espírito Santo usou os apóstolos, mas também a Filipe, o diácono, ao qual incumbiu da delicada tarefa de instruir nada menos que a um alto funcionário

etíope. Era uma igreja em missão. A maioria das igrejas funcionavam nas casas dos crentes, e a maior proporção de dirigentes locais se compunha de leigos. Falando dos grandes temas da redenção, S. Paulo indica que Deus nos encarregou de anunciá-los ao mundo: "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus." II Coríntios 5:19 e 20. S. Pedro faz referência à alta dignidade dos filhos de Deus e à missão que lhes foi confiada: "Vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes d'Aquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz." I S. Ped. 2:9.

O Espírito de Profecia corrobora a vocação missionária dos leigos: "Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário." "Aquele que se torna um filho de Deus deve, daí por diante, considerar-se como um elo na cadeia descida para salvar o mundo." "Toda alma que Cristo salvou, é chamada a atuar em Seu nome pela salvação dos perdidos." "Salvar almas deve ser a obra vitalícia de todo aquele que professa seguir a Cristo." Todas estas gemas muito conhecidas foram extraídas do livro *Serviço Cristão*.

O Verdadeiro Papel do Pastor

Qual é o verdadeiro lugar do pastor em relação com a missão que deve ser cumprida por toda a Igreja? Ele deve fazer evangelismo, pois a ordem de Jesus: "Ide, fazei discípulos..., batizando-os" (S. Mat. 28:19) é tanto para ele como para todos os fiéis. Paulo aconselha: "Prega a Palavra... Faze o trabalho de evangelista." Mas o pastor jamais deve empreender a tarefa sozinho, e, sim, com toda a igreja. Para isso deve exercer um ministério docente de habilitação e instrução dos membros da Igreja nos labores do evangelismo público e pessoal. Em Efésios 4:12, S. Paulo indica qual é a principal função do pastor: "Com vistas à perfeição consumada dos santos para a obra do ministério." — Edição Bover-Cantera. "A fim de que trabalhem no aperfeiçoamento dos santos nas funções de seu ministério." Edição Torres Amat. O ministé-

rio é função de todos os crentes e o ministro é chamado a fim de preparar os crentes para que desempenhem seus deveres evangélicos.

O Espírito de Profecia assevera claramente que o pastor deve preparar a igreja para colaborar com ele na obra evangelística. "A melhor ajuda que os ministros podem prestar aos membros de nossas igrejas não consiste em pregar-lhes sermões, mas em planejar trabalho para que o façam. ... Ajudai todos a verem que, como recebedores da graça de Cristo, estão obrigados a trabalhar para Ele. E seja a todos ensinada a maneira de trabalhar. Especialmente as pessoas que recentemente aceitaram a fé, devem ser ensinadas a cooperar com Deus." — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 323. "Os pastores não devem fazer a obra que pertence à Igreja, cansando-se, e impedindo que outros desempenhem seu dever. Devem ensinar os membros a trabalhar na igreja e na comunidade." — *Historical Sketches*, pág. 291. "Ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns na fé, o ministro deve não buscar tanto, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja em prestar uma cooperação proveitosa." — *Serviço Cristão*, pág. 70.

"Muitos pastores falham em conseguir, ou em não tentar, que todos os membros da igreja se empenhem ativamente nos vários ramos da obra. Se os pastores dessem mais atenção a pôr e manter seu rebanho ativamente ocupado na obra, haviam de realizar mais benefícios, ter mais tempo para estudar e fazer visitas missionárias, e também evitar muitas causas de atrito." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 196.

Pastores e Leigos Unidos

A fórmula triunfante para terminar rapidamente a obra é a seguinte: "Que os ministros e membros leigos saiam para os campos a amadurecer." — *Serviço Cristão*, pág. 67.

"A obra de Deus na Terra nunca poderá ser finalizada enquanto os homens e mulheres que compõem nossa Igreja não cerrem fileiras, e juntem seus esforços aos dos ministros e oficiais de igreja." — *Idem*, pág. 68.

Cristo nosso Exemplo dedicou a maior parte de Seu ministério a ensinar, dia a dia, a Seus discípulos como curar, pregar, orar e cumprir a missão. Ele nunca trabalhou sozinho. Sempre Se ocupou em ensinar e habilitar.

O pastor de êxito não é aquele que trabalha arduamente, mas sozinho. Ele é capaz de recrutar, capacitar e pôr em ação a maior quantidade de membros de igreja, para então empreenderem juntos a tarefa. O pastor é como um general que recruta e treina a maior quantidade de soldados. Ele sabe que não pode enfrentar as hostes inimigas sozinho. Por isso, planeja e dirige a batalha, mas assistido pela maior quantidade de soldados bem motivados, adestrados e armados do melhor material.

O pastor de êxito é como um diretor de orquestra. Ele nunca poderia tocar todos os instrumentos sozinho, mas ensina e dirige os músicos da orquestra. Assim como o treinador de uma equipe esportiva, ele sabe que não pode jogar a partida sozinho, mas recruta e treina jogadores. Como o capitão de um grupo de trabalhadores, ele não pode fazer o trabalho sozinho; sua tarefa é dirigir e coordenar um grupo de homens, para juntos realizarem o serviço.

"O proprietário de um grande moinho encontrou uma vez seu superintendente a fazer qualquer simples reparo numa roda, ao passo que por ali, parados a olhar ociosamente, achavam-se meia dúzia de operários desse ramo. Havendo-se informado do

fato, a fim de estar certo de que não faria injustiça, chamou o mestre ao seu escritório e entregou-lhe sua demissão, pagando-lhe integralmente. Surpreendido, o homem pediu explicação. Esta foi dada nas seguintes palavras: "Empreguei-o para manter seis homens ocupados. Achei os seis ociosos, e o senhor fazendo o trabalho de um apenas. O seu trabalho poderia ter sido feito por aqueles seis. Não posso pagar o ordenado de sete, para o senhor ensinar os seis a serem vadios." — *Serviço Cristão*, pág. 70.

Conclusão

A prioridade da hora é evangelizar e terminar a pregação do evangelho. É necessário evitar o erro de atribuir essa tarefa só aos pastores, pois a missão é para toda a Igreja; todos os crentes foram chamados para realizar a obra de evangelização. O papel do pastor é dar o exemplo, e então motivar e capacitar os leigos para juntos realizarem a tarefa. A fórmula triunfante é a seguinte: Cristo envia, o Espírito Santo habilita, os obreiros e os leigos realizam a missão e triunfam por Seu poder.

É ERRADO USAR MEDICAMENTOS?

Raymond O. West

Doutor em Medicina e Professor na Universidade de Loma Linda, Califórnia

adventistas como em muitos outros no mundo em geral, com a convicção de que nossos leitores encontrarão nele uma orientação clara e séria quanto ao uso dos medicamentos, segundo os princípios do Espírito de Profecia. Para a boa compreensão do que o autor expõe neste artigo, é necessário advertir que em inglês o vocábulo traduzido em português por "medicamento" é drug, que também pode significar "droga" e "fármaco". Nos livros do Espírito de Profecia, drug é normalmente traduzido por "droga". O original deste artigo que apareceu na Adventist Review de 4 de dezembro de 1980 usa as palavras drug, remedy e medication, que traduzimos respectivamente por "medicamento" ou "droga", "remédio" e "medicação".

Publicamos este artigo que trata de um assunto de plena atualidade, debatido tanto nos círculos

Uma noite de inverno, quando eu exercia a profissão de médico na seção de urgência de um hospital de uma grande cidade, chegou uma mulher com seu filhinho. O menino estava com as amígdalas inflamadas, muito vermelhas e com placas. Também tinha febre e grandes inchaços que lhe deformavam o pescoço. O garoto necessitava desesperadamente de tratamento imediato, portanto, além de gargarejos quentes, compressas quentes no pescoço e outros remédios simples, lhe receitei penicilina.

A mãe do menino recusou a penicilina, pois não queria que seu filho tomasse medicamentos. Perguntei-lhe se conhecia a origem da penicilina. Ela a conhecia. Sabia que a penicilina foi descoberta num bolor. Não obstante, opinava que não era um produto "natural", e, sim, uma droga. Sem pretensões de ser jocoso, perguntei-lhe se permitiria que eu receitasse duas fatias de pão bolorento quatro vezes ao dia. Compreendeu a alusão, pois sabia que o bolor obtido do pão produz penicilina. No entanto, continuou recusando meu conselho, e o pequeno paciente partiu em plena noite sem a receita das cápsulas de penicilina.

Essa mãe tinha razão? Ou estava equivocada? Os medicamentos são uma saída fácil no mundo médico? As respostas que dermos a estas perguntas são de suma importância para o fiel adventista do sétimo dia que confia no Espírito de Profecia e que não desconhece as mensagens referentes aos medicamentos.

Os medicamentos podem prestar alguma ajuda quando estamos doentes? Desde já, cremos que sim. Os medicamentos são prejudiciais? Em certo sentido, não resta dúvida de que todos os medicamentos têm efeitos secundários. Mas ocorre o mesmo com qualquer outra coisa, inclusive a água pura e os morangos recém-colhidos da horta.

Quando se discute uma questão tão vital e tão controvertida nos círculos adventistas, é imprescindível começar com uma definição. *The New Columbia Encyclopedia* (1975) define desta maneira a palavra drug: "Substância usada na medicina, tanto externa como internamente, para curar, aliviar ou prevenir uma enfermidade ou deficiência." O dicionário da Real Academia de Língua Espanhola define "Medicamento" do seguinte modo: "Qualquer substância, simples ou composta, que, aplicada interior ou exteriormente ao corpo do homem ou do animal, pode produzir um efeito curativo." Esta definição inclui o éter, a morfi-

na, a digitalina, a antitoxina da difteria, o ferro e o iodo, e também os hormônios, como a insulina e os estrógenos femininos. A definição tem um alcance mais amplo ainda, indicando que os medicamentos podem ser obtidos de diversas fontes, como metais, hormônios, alcalóides, vacinas e antibióticos.

Voltemo-nos para o Espírito de Profecia e vejamos uma breve experiência. Dentro da nascente Igreja Adventista, erguiam-se vozes proclamando uma doutrina que ordenava que se controlasse o possível uso de medicamentos no tratamento de qualquer enfermidade. Os remédios não eram adequados. Ellen White escreveu, porém: "A idéia que tendes, de que não se deveriam usar remédios para os doentes, é erro. Deus não cura os doentes sem o concurso dos meios de cura que estão ao alcance dos homens." — *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 286.

Mais tarde ela asseverou: "Não é negação da fé usar os remédios que Deus proveu para aliviar a dor e ajudar a Natureza em sua obra de restauração... Deus pôs em nosso poder o obter conhecimento das leis da vida. Este conhecimento foi colocado ao nosso alcance para ser empregado. Devemos usar todas as facilidades para a restauração da saúde, aproveitando-nos de todas as vantagens possíveis, agindo em harmonia com as leis naturais." — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 231 e 232.

Esta afirmação está de acordo com a idéia de que devemos usar remédios: "Há ervas comuns que podem ser usadas para a restauração dos doentes, e cujo efeito sobre o organismo é muito diferente do efeito das drogas que intoxicam o sangue e põem em perigo a vida." — *Mensagens Escolhidas*, livro 2, pág. 288.



Werner/Casa

Consideremos agora os termos empregados na expressão: "drogas que intoxicam o sangue e põem em perigo a vida." É possível que naquele tempo existiam substâncias curativas que ainda não tinham sido descobertas e que não intoxicam o sangue nem põem em perigo a vida — medicamentos que ainda não eram conhecidos e que realmente podem salvar vidas, em vez de pô-las em perigo? Constitui uma negação da fé fazer uso da penicilina, a fim de destruir alguns germes? É possível que Deus, em Sua bondade, nos proveu sabiamente este remédio?

Abuso de Coisas Boas

Não asseveramos que todos os medicamentos são prescritos de modo correto. Não sei de ninguém que sempre o tenha feito. Podemos equivocarnos em numerosas atividades: dirigindo um veículo, vendo televisão, fazendo exercícios musicais, etc. O médico que passa vinte horas por dia ocupando-se de seus pacientes e que, por isso, negligencia sua família, não está agindo corretamente. De modo semelhante, ele pode equivocar-se ao receitar, quando recomenda uma intervenção cirúrgica ou em suas indicações em geral. Nem todos os medicamentos deveriam ser ingeridos quando o são, nem na quantidade indicada e com o objetivo que se tem em vista. Até as coisas boas podem ser impróprias em determinadas circunstâncias, e podemos abusar delas.

Ellen White também nos diz o seguinte sobre as drogas: "As drogas ministradas aos doentes não restauram, mas destroem. As drogas não curam nunca. Em vez disso, colocam no organismo sementes que trazem colheita muito amarga." — *Idem*, pág. 289.

Esta é uma acusação muito forte contra os medicamentos usados naquela época. Acaso podemos asseverar, porém, que qualquer pílula ou remédio causa destruição ou traz uma colheita muito amarga? Se for assim, devemos deixar de fazer anestesia nas cirurgias? Chamar medicamento ou droga a uma erva não soluciona o problema; pois se uma droga provém de uma planta ou é um produto sintético, e tanto causa danos como benefícios, é uma droga ou um medicamento por definição.

O vocábulo "natural" só nos conduz a um dilema. A cortisona e a insulina são produzidas por nosso corpo. A maconha é natural, mas não é natural usá-la como esti-

mulante de nosso estado de ânimo. O ópio é natural (e os especialistas em nutrição afirmam que está presente numa grande variedade de vegetais que ingerimos, como a couve, por exemplo), mas não é natural tomá-lo como narcótico. Deus nos proveu uma série de remédios naturais. Entre eles encontra-se a reserpina para a hipotensão. Teremos que usar então a reserpina porque é natural, e deixar de usar algum outro preparado que atua melhor em nosso organismo e que provavelmente produz menos efeitos secundários ou reações alérgicas, simplesmente porque é distribuído pelos farmacêuticos, em vez de crescer no campo?

O corpo humano não pode estabelecer diferenças entre moléculas naturais e moléculas produzidas pelo homem. Conseqüentemente, a vitamina C extraída da roseira silvestre parece que é utilizada pelo organismo exatamente da mesma maneira que a vitamina C proveniente da proveta do químico.

Outra afirmação importante concernente aos medicamentos nos exorta a depender mais de outros métodos: "A medicação por meio de drogas, como é geralmente praticada, é um malefício. Educai-vos de modo a abandonar as drogas. Usai-as cada vez menos, e confiai mais em agentes higiênicos; então a Natureza responderá aos médicos de Deus: ar puro, água pura, exercício apropriado, consciência limpa." — *Idem*, pág. 281.

Esta ordem é coerciva, e todos os médicos, quer tenham recebido seu preparo em Loma Linda ou em outros lugares, devem agir de acordo com ela. E que dizer da expressão: "como é geralmente praticada"? Seria a mesma coisa hoje? Tal expressão condenaria o uso da insulina pelos diabéticos, do hormônio da tireóide pelas pessoas que sem ele morreriam, da imunização infantil contra o sarampo ou uma transfusão de sangue a um hemofílico que estivesse perdendo muito sangue?

Em 1899, a mensageira inspirada disse: "O Senhor proveu antídotos para as doenças, em plantas comuns, e essas podem ser usadas pela fé, sem que isso implique em negação da fé; pois usando as bênçãos providas por Deus para nosso benefício, cooperamos com Ele." — *Idem*, pág. 289.

Muitos remédios empregados na atualidade pelos médicos foram obtidos originalmente de uma planta. Um bom exemplo disso é o ácido acetilsalicílico, a tão comum aspirina, que hoje não somente é utilizada para aliviar a dor e baixar a febre, mas

também para evitar um ataque de apoplexia. A aspirina é obtida da casca das árvores, especialmente do salgueiro. Visto que sua extração é custosa e difícil, os cientistas puseram mãos à obra (creio que pela graça de Deus) e aprenderam a sintetizá-la no laboratório. A molécula do ácido acetil-salicílico que provém do tubo de ensaio do químico não é diferente da que provém da fonte natural. O organismo não pode, nem precisa, apreciar a diferença, pois se trata da mesma molécula.

Outros Remédios Provenientes das Plantas

Há muitos outros remédios cuja origem está nas plantas, como o digital empregado na insuficiência cardíaca, e a atropina e seus derivados, usados como antiespasmódicos, nos transtornos ou distúrbios estomacais, e para acelerar as pulsações de um coração demasiado lento.

Outra afirmação inspirada sugere um modo melhor de empregar os medicamentos do que era comum no século XIX: "Não ministrei drogas. Certo, as drogas podem não ser tão perigosas como em geral são, se forem ministradas prudentemente, mas nas mãos de muitos elas são danosas à propriedade do Senhor." — *Idem*, pág. 283.

Ellen White também disse: "As drogas sempre têm a tendência de derribar e destruir as forças vitais." — *Idem*, pág. 321. Nada do que é introduzido no corpo humano deixará de ser prejudicial se for usado incorretamente. Há algo mais puro do que água destilada? No entanto, o excesso de água destilada provoca uma intoxicação. Acaso existe algo mais puro ou necessário do que o oxigênio? Contudo, há uma síndrome letal conhecida como intoxicação por oxigênio.

É necessário considerarmos outra afirmação de *Mensagens Escolhidas*: "Quando o assunto me foi apresentado, e a triste preocupação quanto ao resultado da medicação de drogas, foi-me dado o esclarecimento de que os adventistas do sétimo dia deviam fundar institutos de saúde que abandonassem todos esses inventos destruidores da saúde, e os médicos deviam tratar os doentes segundo os princípios da higiene." — Livro 2, pág. 280. A expressão "inventos destruidores da saúde" é significativa. Seria usada esta mesma expressão para descrever os remédios atuais que promovem a saúde, em vez de destruí-la?

Lemos também: "Coisa alguma deve ser introduzida no organismo humano, que deixe após si uma influência daninha." — *Ibidem*. Será que esta afirmação se aplica ao uso da insulina quando procuramos reparar uma deficiência do organismo? Ela se referia à insulina quando falava de drogas venenosas?

Outra declaração inspirada ocorreu num sermão pregado em Lodi (Califórnia), no dia 9 de maio de 1908: "Advogamos em nossos sanatórios o emprego de remédios simples. Desanimamos o uso de drogas, pois estas envenenam a corrente sanguínea. Nessas instituições devem ser ministradas judiciosas instruções quanto à maneira de comer, de beber, de vestir e viver de tal modo que se conserve a saúde." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 303. Acaso se faz alusão aí ao paciente gravemente enfermo de asma bronquial? Acaso diz que não se deve empregar um antídoto para uma pessoa que acaba de ser atacada e mordida por uma cascavel?

Com freqüência Ellen White qualifica o vocábulo "droga" com expressões como estas: "perniciosa", "perigosa" e "venenosa", como no parágrafo que segue: "Toda droga perniciosa introduzida no estômago humano, quer por prescrição médica, quer por iniciativa própria, fazendo violência ao organismo humano, prejudica toda a maquinaria." — *Mensagens Escolhidas*, livro 2, págs. 280 e 281. Teria ela dito a mesma coisa de todos os remédios médicos atuais?

Um Problema Típico

Consideremos o problema típico enfrentado pelos médicos. O paciente é uma mulher de 63 anos que foi conduzida a toda velocidade para o pronto-socorro de um hospital, e está com a respiração extremamente entrecortada. Tem uma tosse produtora de grandes quantidades de muco e uma forte inchação das pernas, até à altura dos joelhos. Quando o facultativo lhe ausculta o peito, nota em todas as partes estertores úmidos (sons que indicam que os pulmões estão cheios de líquido). A exploração mostra que o coração está dilatado, bate violentamente e sem uma freqüência certa. A paciente sofre um colapso cardíaco, e a menos que se atue rapidamente, a morte é iminente.

Naturalmente, o facultativo ora. O médico cristão encontra gozo na oração por

seus pacientes. Sabe também que Deus ajuda aos que ajudam a si mesmos, e ele foi preparado para ajudar.

Lembra-se dos métodos naturais. O exercício está fora de lugar; o coração já está sobrecarregado. O ar fresco e o sol não serão uma ajuda nesta emergência. A água pura só complicaria as coisas, pois já há líquidos em demasia no interior do organismo. Confiar na direção divina sempre é benéfico, e ele já o está fazendo. As fomentações dilatariam os vasos sanguíneos e fariam o vacilante coração.

Esgotaram-se para o médico todos os meios providos por Deus? Não inteiramente. Devemos fazer duas ou três coisas de imediato, se quisermos salvar a enferma. Ela precisa desfazer-se de vários litros de líquido, do contrário se afogará com suas próprias secreções. Deve ser diminuído o ritmo do coração, que bate violentamente e de um modo irregular que precisa ser corrigido. Os brônquios se acham num estado espasmódico, constrito e tenso, e esta situação também deve ser corrigida.

Nestas circunstâncias, o médico tem de

receitar medicamentos. Pode optar por uma injeção de digitalina e um diurético, e talvez um medicamento que detenha os espasmos. Em seguida, o coração reduzirá sua marcha e se regularizará. Os rins começarão rapidamente a segregar litros de líquido. Os pulmões se esvaziarão de água e começarão de novo a tomar oxigênio e a expelir dióxido de carbono.

Suponhamos que você seja esse médico. Que faria depois de dizer: "Oremos"? Ou suponhamos que você seja o paciente, ou que o paciente é sua mãe, ou seu filho, ou sua irmã. Provavelmente faria o mesmo que o médico: receitaria as moléculas milagrosas providas por Deus, realizando cada uma delas um encargo específico, e tendo sido criada para participar no resgate de um ser humano, livrando-o da morte.

Concluindo, desejo salientar que o que eu disse sobre o uso de medicamentos pressupõe que o paciente já esteja doente. Sempre que for possível, é melhor prevenir do que remediar. Depois da recuperação do enfermo, deveria continuar sua educação sobre como viver saudavelmente.

Chegou a Hora de Apressar o passo

Carlos E. Aeschlimann

Secretário Ministerial da Divisão Interamericana

Passamos a maior parte dos MIL DIAS DE COLHEITA. Somos gratos a Deus porque estamos alcançando os alvos. Chegou, porém, a hora de apressar o passo e assegurar a vitória!

Sugerimos os seguintes passos apressados e indispensáveis que convém pôr em prática com a máxima brevidade possível para garantir a vitória:

1. Tome a firme determinação de que nosso Campo local alcançará e ultrapassará seu alvo dos MIL DIAS DE COLHEITA. Ninguém deve conformar-se com menos que a vitória!

2. Planeje uma gigantesca ofensiva evangelística de janeiro a maio de 1985.

3. Estabeleça claramente que a prioridade dos departamentos, dos pastores e dos obreiros em geral é o evangelismo e a conquista de almas.

4. Organize uma gigantesca mobilização leiga, para que cada um ganhe uma alma

para Cristo no restante dos MIL DIAS.

5. Faça uma avaliação realista e honesta dos resultados obtidos até agora, e reaja diante dos resultados da avaliação com decisão e energia, estimulando os obreiros e leigos a levantar-se, lutar e obter a vitória.

6. Invista o mais que puder. São necessários materiais para os obreiros e leigos. A inversão feita compensará no presente e na eternidade.

7. Lance uma ofensiva de oração em todo o seu campo, rogando fervorosamente que Deus conceda a vitória.

Os MIL DIAS têm sido uma experiência extraordinária. Coroemos esta gigantesca e gloriosa campanha com uma vitória memorável. Mas ..., não nos descuidemos nem nos atrasemos. Com passo seguro e rápido, marchemos triunfantes para a vitória! POR SEU ESPÍRITO!

A Cronologia dos REIS HEBREUS

EDWIN R. THIELE

Pastor e Professor Jubilado. Reside em Porteville, Califórnia, EE.UU.

O impressionante relato da maneira pela qual um grande problema em assuntos bíblicos foi resolvido por um erudito adventista do sétimo dia.

“Isso não pode ser feito. Se os números fossem corretos, seria possível fazer alguma coisa para deslindar a cronologia hebraica, mas os números relacionados com os reis não foram registrados corretamente no começo, de modo que nada se pode fazer com eles hoje em dia.”

A voz era a de meu professor, W. A. Irwin, diretor do Departamento do Antigo Testamento no Instituto Oriental da Universidade de Chicago, quando ele rejeitou o meu pedido para tornar a cronologia dos reis hebreus o assunto de minha tese de Mestrado. No começo de suas aulas sobre os livros dos Reis, o Prof. Irwin chamara a atenção para as constantes contradições e erros nas datas dos reinados desses reis. No fim da aula, eu lhe falara a respeito da necessidade de se fazer alguma coisa no tocante aos problemas mencionados por ele, o que conduziu à minha solicitação de tornar isso o assunto de minha tese de Mestrado.

Tive de escolher, portanto, um outro assunto. Quando esse encargo já havia terminado e eu estava começando as atividades relacionadas com o meu doutorado, dirigi-me novamente ao Prof. Irwin, para pedir que a cronologia dos monarcas hebreus

fosse o assunto de minha dissertação doutoral. Ele disse outra vez que era completamente impossível conferir alguma espécie de ordem ao caótico estado dos soberanos hebreus.

Quando falei com o Prof. George Cameron, meu instrutor de caracteres cuneiformes, ele manifestou a mesma opinião que o Prof. Irwin. E quando me aproximei do Prof. A. T. Olmstead, o renomado assiriologista e erudito hebraico, ele afirmou que durante mais de dois mil anos os mais hábeis eruditos lutaram com este problema e não realizaram nada. Se não conseguiram fazer alguma coisa, eu também não o conseguiria. Acrescentou que ele mesmo lidara com a cronologia dos governantes hebreus durante toda a sua vida, sem ter êxito. Seria inútil realizar uma tentativa nesse sentido.

Eu não podia acreditar, porém, que os números bíblicos referentes aos monarcas hebreus fossem um conjunto de erros. Cria que a dificuldade estava em que aqueles que haviam lidado com o problema não compreendiam os métodos cronológicos originais empregados pelos historiadores antigos. Se estes pudessem ser trazidos a lume, a ordem substituiria a confusão aparente. O assunto me fascinava, e dediquei-lhe, portanto, considerável atenção. Com o tempo as principais dificuldades foram solucionadas. Notei como as declarações bíblicas começaram a harmonizar-se.

Os professores no Instituto Oriental ficaram encantados. O Prof. Irwin pediu que eu fizesse da cronologia dos reis hebreus o assunto de minha dissertação doutoral. O Prof. George Cameron, diretor do *Journal of Near Eastern Studies*, a revista profissio-

nal do Instituto Oriental, se prontificou a publicá-la se eu a preparasse para isso. Foi o que fizemos. Quando a Editora da Universidade de Chicago tomou conhecimento deste fato, eles me disseram que se eu a redigisse em forma de livro eles a publicariam. Essa obra saiu em 1951, sob o título *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* ("Os Misteriosos Números dos Reis Hebreus").

O Prof. Irwin escreveu na introdução do livro: "As aparentes incoerências e as contradições matemáticas" realmente não eram "nada disso, mas elementos integrais de um sistema cronológico bem fundado e exato. ... Passagens encaradas comumente como evidentes manifestações de descuido, se não de ignorância", demonstraram ser "surpreendentemente dignas de confiança. ... É uma questão de suma importância verificar agora que os livros dos Reis são fidedignos precisamente naquele aspecto que antigamente só provocava irrisão. ... O Prof. Thiele fez uma importante contribuição para a nossa procura comum da verdade."

Estas palavras de um erudito que outra ridicularizara os números bíblicos indicavam uma viravolta. A partir dessa ocasião, os ensinamentos e os escritos do Prof. Irwin tomaram nova direção. Ele passou a olhar com confiança e respeito o que dantes havia escarnecido.

Que aconteceu, porém, com os dados cronológicos que haviam suscitado ridículo e desconfiança? Exteriormente os números parecem estar em constante desordem. Por exemplo, é-nos dito em II Reis 9:29 que Acazias, de Judá, começou a reinar no undécimo ano de Jorão, de Israel; mas em II Reis 8:25 é declarado que isso ocorreu no ano doze. A diferença é só de um ano, mas é uma questão importante, pois revela uma mudança no sistema de contagem cronológica que então se efetuara em Judá.

Lemos em II Reis 3:1 que Jorão, filho de Acabe, de Israel, começou a reinar no décimo oitavo ano de Josafá, rei de Judá. De acordo, porém, com II Reis 1:17 isto sucedeu no ano segundo de Jeorão, filho de Josafá. Ambas as declarações são corretas se levarmos em conta a co-regência de Jeorão com seu pai Josafá. Jeorão estava no segundo ano de sua co-regência quando Josafá estava no décimo oitavo ano de seu reinado.

Se, de acordo com II Reis 1:17, Jorão, de Israel, começou a reinar no ano segundo de Jeorão, de Judá, como este último poderia ter começado a reinar no ano quinto do reinado de Jorão, de Israel, conforme lemos

em II Reis 8:16? À primeira vista, semelhante compreensão faz cada um desses reis começar a reinar antes do outro. Mas a declaração é correta, pois quando Jorão, de Israel, tornou-se rei, Jeorão, de Judá, estava no segundo ano de sua co-regência com Josafá. Por ocasião da morte de Josafá, quando Jeorão começou a reinar sozinho, Jorão, de Israel, estava no quinto ano do seu reinado.

Vemos, assim, que os números que à primeira vista parecem estar em desacordo, na realidade são exatos, se forem interpretados corretamente, e eles revelam importantes pormenores acerca dos reinados dos monarcas hebreus.

Além destes pontos relativamente simples, há grandes problemas ao serem acompanhados os métodos cronológicos originais empregados pelos antigos informantes hebreus. A menos que os conheçamos, não será possível concatenar os sincronismos e as durações dos reinados num todo harmonioso.

Um importante fator é o sistema de contagem cronológica dos anos de reinado. Havia dois métodos de uso comum. Um deles considerava o restante do ano civil em que o rei subia ao trono como o seu ano de acesso. O primeiro ano oficial do seu reinado só começava no próximo Dia de Ano Novo. Este é o chamado *cômputo do ano de acesso*. De acordo com este sistema, os totais dos anos de reinado correspondem ao tempo absoluto. Este era o sistema usado em Judá quando foi dividida a monarquia unida de Davi e Salomão.

De acordo, porém, com o outro sistema, a parte restante do ano civil em que o rei começava a reinar era contada como o seu primeiro ano, e o segundo ano começava com o próximo Dia de Ano Novo. Por conseguinte, o rei que empregava este sistema estaria no seu segundo ano de reinado, ao mesmo tempo que um rei que usasse o outro sistema estaria no seu primeiro ano de reinado. Numa nação em que era usado o segundo sistema de contagem, a soma total dos anos de reinado sofria o acréscimo de um ano ao tempo absoluto para todos os reinados, em confronto com o total calculado nas nações em que era usado o sistema do ano de acesso. Israel estava empregando o segundo sistema por ocasião do cisma.

Portanto, quando Roboão começou a reinar em Judá, ele empregou o *cômputo do ano de acesso*, mas Jeroboão, que começou a reinar no mesmo tempo em Israel, empregou o sistema oposto. Alguns anos

mais tarde, por ocasião da aliança entre Judá e Israel, Judá passou do primeiro método para o segundo, usado por Israel. Isto ocorreu quando Jeorão, filho de Josafá, casou com Atalia, a filha de Acabe e Jezabel, de Israel.

Esta mudança de sistema em Judá produziu os dois sincronismos para a acessão de Acazias, filho de Jeorão, que parecem ser contraditórios — o ano undécimo de Jorão, de Israel (II Reis 9:29), de acordo com o antigo sistema do ano de acessão, mas contado como ano doze (cap. 8:25), de acordo com o segundo método adotado recentemente.

Depois que Judá empregou o segundo método durante quatro reinados, ele retornou ao cômputo do ano de acessão, adotando-o até o fim. Então Israel também adotou o cômputo do ano de acessão, e o seguiu até o fim.

É importante reconhecer também que quando Judá adotou o sistema do ano de acessão, ele empregou esse sistema para um ano sincrônico de um rei de Israel, embora Israel empregasse nesse tempo o sistema oposto. Por outro lado, quando Israel adotou o segundo sistema e deu o ano sincrônico com um rei de Judá, onde era adotado o cômputo do ano de acessão, o ano não foi dado de acordo com o sistema de Judá, e, sim, com o sistema empregado em Israel. Só quando compreendemos este processo conseguimos harmonizar os dados cronológicos dos sincronismos e das durações de reinado.

O mês do ano em que um soberano começava seu ano de reinado também é importante. Em Judá o ano do reinado começava com o mês de Tishri, no outono. "E em Israel ele começava com o mês de Nisan, na primavera."

Às vezes, na história de Israel e Judá, houve reinados sobrepostos. Tal era o caso nas co-regências, como quando Jotão foi colocado no trono juntamente com Azarias, quando este último foi ferido de lepra (cap. 15:5). Por vezes havia reinados rivais, como quando Tibni dominou sobre uma parte de Israel e Onri sobre a outra parte (I Reis 16:21).

Para ajudar-nos a compreender os reinados sobrepostos, os dados relatados a respeito de Onri, em I Reis 16:23, são importantes. Lemos: "No ano trinta e um de Asa, rei de Judá, Onri começou a reinar sobre Israel, e reinou doze anos." Mas em I Reis 16:28 e 29 nos é declarado que Onri morreu e foi substituído por Acabe no ano tri-

gésimo oitavo de Asa. Tais cálculos conferem a Onri um reinado de apenas sete anos, e não de doze.

Os que estudam a Bíblia têm-se preocupado há muito tempo com esses dados referentes a Onri. Quando a Bíblia foi traduzida para o grego, três séculos antes de Cristo, os tradutores pensaram que a informação dada em I Reis 16:28 e 29 quanto ao fim do reinado de Onri no trigésimo oitavo ano de Asa estava errada, e eles mudaram-na para o segundo ano de Josafá.

Os tradutores gregos deixaram de ver que os 12 anos de Onri (11 anos reais) começaram no ano vigésimo sétimo de Asa, quando Onri foi colocado no trono pelo povo, na insurreição de Zinri (versos 15 e 16). Por isso, a duração dada para o reinado de Onri foi o número total de anos que ele esteve no trono, a partir do começo de seus anos sobrepostos com os de Tibni, no vigésimo sétimo ano de Asa, e terminando no fim de seu reinado como único soberano, por ocasião de sua morte, no trigésimo oitavo ano de Asa. O ano sincrônico dado para a sua acessão — o trigésimo primeiro ano de Asa — não foi, porém, aquele em que começou o período sobreposto ao de Tibni, e, sim, quando ele terminou e quando teve início o reinado de Onri como único soberano.

Essa maneira incomum de calcular foi empregada nalguns reinados sobrepostos, nos quais a duração do reinado é o número completo de anos que o rei esteve sobre o trono, a começar do ano em que ele tornou-se rei, no início da sobreposição, e terminando com a sua morte no fim do seu reinado como único soberano. No ponto, porém, em que o sincronismo para a sua acessão é o ano no qual findou a sobreposição e começou o seu reinado como único soberano, eu uso a expressão "datação dupla".

A datação dupla foi empregada em cinco dos oito casos de reinados hebreus sobrepostos — para Onri, Jeroboão II e Peaca, em Israel, e para Josafá e Azarias, em Judá.

A falta de compreensão da datação dupla nesses cinco exemplos de reinados sobrepostos tem sido o fator mais responsável pela confusão sobre os dados apresentados nos livros dos Reis. Isto não somente tem produzido dificuldades para os que estudam a Bíblia na atualidade, mas houve preocupações a esse respeito desde o tempo em que a Bíblia veio à existência. Os tradutores gregos da Septuaginta não compreenderam a datação dupla para Onri. Os editores hebreus que juntaram as Escritu-

ras no texto massorético em que se baseia nosso Antigo Testamento atual, também tiveram dificuldade com a datação dupla. Eles não compreenderam o verdadeiro significado dos números para Peca, em II Reis 15:27.

Colocaram o relato do reinado de Pecaías em II Reis 15:23-26, seguido pelo relato de Peca em II Reis 15:27-31. Isto não está, porém, em harmonia com a regra da seqüência para os relatos dos reis nos livros que levam este nome. Essa regra determina que os relatos dos monarcas seja colocado na ordem da seqüência em que eles começaram os seus reinados. Se um rei começou a reinar antes de outro, seu relato precede o desse outro. Visto que Peca começou a reinar em Israel em 752, no mesmo ano que Menaém, e como Pecaías só começou a reinar em 742, o relato de Peca devia vir antes do de Pecaías.

Visto que ocorre o inverso no texto bíblico, sabemos que o editor hebreu dos Reis não compreendeu a datação dupla para Peca. Ele colocou o relato de Pecaías antes do de Peca porque começou a reinar no ano cinqüenta de Azarias (II Reis 15:23) e porque o sincronismo dado para a acessão de Peca é o ano cinqüenta e dois de Azarias (verso 27). Eles não compreendiam que o ano no qual terminou o reinado de dois anos de Pecaías era o ano em que Peca começou a reinar sozinho, e não o ano em que ele ascendeu ao trono. Marcar o início dos 20 anos do reinado de Peca em 740, em vez de 752, faz com que os anos de Oséias se sobreponham aos de Ezequias e resulta no sincronismo de II Reis 17 e 18.

Os estudantes da Bíblia na atualidade também têm lutado com a datação dupla, e isso levou alguns deles a fazer declarações infelizes sobre inexatidões nos números bíblicos para os reis. Devido a sua falta de compreensão da datação dupla para Jeroboão II em Israel e Azarias em Judá, eles não entenderam a situação histórica desse período da História hebraica. A *Jewish Encyclopedia*, ao tratar do assunto da cronologia, diz o seguinte: "O ano vinte e sete de Jeroboão II, rei de Israel (II Reis 15:1), é mencionado como o primeiro ano de Uzias, em flagrante contradição com todas as declarações do capítulo precedente. ... Mutilação intencional do texto e supressão de todas as notícias da suspensão temporária da independência do reino de Israel pelos sírios constituem a verdadeira causa do maior número. ... As passagens subseqüentes foram alteradas impiedosamente, a fim



A. RIOS

de afastar a mais leve menção da cessação do domínio de Israel. Uma mutilação semelhante foi praticada no fim do capítulo XV."

O renomado erudito bíblico, William F. Albright, certa vez acreditou que os números no livro dos Reis para esse período estavam errados e que o modelo original dos reinados só poderia ser obtido pondo de lado os dados bíblicos e provendo novos números. Ele sugeriu a redução de um ano no reinado de Atalia, dois anos no de Joás, onze no de Amazias e dez no de Azarias. (Ver "A Cronologia da Dividida Monarquia de Israel", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, 1945, vol. 100, pág. 21.)

Frank Knight Sanders escreveu o seguinte a respeito desses números: "A cronologia exata desse século não pode ser determinada por nenhum historiador." — *History of the Hebrews*, pág. 141. Não teria sido feita nenhuma dessas observações se fosse compreendida a datação dupla.

Quando são compreendidos os métodos que mencionei acima, como tendo sido empregados pelos antigos informantes hebreus, torna-se possível reconstruir um padrão da história hebraica compatível com os relatos bíblicos e que se harmoniza com a cronologia oficial dos vizinhos de Israel.

É bom saber que os números dos reis hebreus, outrora considerados incorretos, na realidade estão certos, e dão apoio matemático à veracidade histórica dos relatos dos monarcas hebreus preservados na Palavra de Deus.

OS REINADOS DOS REIS HEBREUS

Judá

Roboão	930-913
Abias	913-910
Asa	910-869
Josafá	872-848
Jeorão	853-841
Acazias	841
Atália	841-835
Joás	835-796
Amazias	796-767
Azarias	792-740
Jotão	750-732
Acaz	735-715
Ezequias	715-686
Manassés	696-642
Amom	642-640
Josias	640-609
Jeoacaz	609
Jeoaquim	609-598
Joaquim	598-597
Zedequias	597-586

Israel

Jeroboão I	930-909
Nadabe	909-908
Baasa	908-886
Elá	886-885
Zinri	885
Tibni, rival de	
Onri	885-880
Onri	885-874
Acabe	874-853
Acazias	853-852
Jorão	852-841
Jeú	841-814
Jeoacaz	814-798
Jeoás	798-782
Jeroboão II	793-753
Zacarias	753
Salum	752
Menaém	752-742
Peca, reinado rival	
.....	752-732
Pecaías	742-740
Oséias	732-723

O Pastor

NEAL WILSON

Dirige Grande Campanha Evangelística

Humberto Moreno Vargas

Presidente da Associação do Panamá

Saúde e Bem-Estar Total — Panamá Expo '84 constituiu um marco na história do evangelismo no Panamá. Foi um programa singular que contou com a presença, como evangelista, de nosso líder mundial, Pastor Neal C. Wilson.

Poucos meses antes, a Cidade do Panamá sofreu o impacto da presença do máximo representante da Igreja Romana, que exal-

tou as emoções de seus adeptos. Esta foi a ocasião mais emocionante para a Igreja Católica. Depois dessa euforia, fomos avisados de que o Pastor Neal C. Wilson escolhera este pequeno mas movimentado país centro-americano para realizar sua campanha evangelística.

Esta notícia foi muito bem acolhida, e toda a Igreja Adventista do Sétimo Dia come-

cou a trabalhar com entusiasmo para tornar essa ocasião uma experiência ditosa. A preparação do terreno foi breve, pois dispúnhamos apenas de dois meses após a confirmação da notícia. Os membros, os pastores, estudantes do CADES, a Associação, a União e a Divisão entraram num concerto nunca visto anteriormente. Foi realmente uma experiência agradável.

Desde sua chegada ao Aeroporto Internacional Omar Torrijos, nosso presidente, Pastor Neal C. Wilson e esposa, o Dr. M. Hardinge e o Pastor Charles Brooks foram recebidos com toda a hospitalidade, simpatia e carinho que caracterizam o povo panamenho. Os representantes do governo estiveram presentes para dar-lhe as boas-vindas no Salão Diplomático; imediatamente depois, uma delegação de jovens adventistas, desbravadores e irmãos também davam as boas-vindas a tão distinguida visita. Cumpre mencionar que duas unidades das Forças de Defesa escoltaram a este líder mundial adventista.

Programou-se uma série de visitas, entrevistas e compromissos com a imprensa, habilmente dirigidas pelo jovem Aponar Castillo, diretor de Relações Públicas.

Os dias passaram velozmente, e chegou o momento especial quando foi inaugurada a Expo Saúde '84 pelo Dr. Gaspar Garcia de Paredes, Ministro de Saúde. Na noite inaugural foram superados os limites de capacidade do salão principal, que eram de 2.000 assistentes. Calculamos que nessa noite houve mais de quatro mil pessoas presentes, a maioria das quais ficou em pé durante o programa.

Cada noite foram exibidos dez módulos de saúde, em que eram dadas orientações sobre medicina preventiva. O Pastor Charles Brooks preparava o ambiente espiritual com a música cristã habilmente acompanhada pelo organista, Pastor Gerald Penick. Em seguida o Dr. Hardinge expunha seu assunto de saúde, que se relacionava perfeitamente com o tema espiritual que seria apresentado pelo Pastor Neal C. Wilson. Os assuntos eram traduzidos para o espanhol pela penetrante voz do Pastor Israel Leito; tudo se combinava como um lindo mosaico, para dar colorido à pregação da Palavra de Deus.

A assistência sempre se manteve uniforme. Se tivéssemos que qualificar estas experiências, diríamos que foram elevadoras, inspiradoras e edificantes. Cristo foi exaltado e levantado perante os assistentes e, como era esperado, centenas de pessoas O

aceitaram. Dois dias antes da cerimônia batismal, o prefeito da cidade, engenheiro Nelson Espino, compareceu às reuniões e entregou as chaves da cidade e um pergaminho "Honra ao Mérito" tanto ao Dr. Hardinge como ao Pastor Neal C. Wilson. Expresso os meus profundos agradecimentos por esse ato que coroou todas as atenções anteriores que nossos dirigentes receberam da parte de nossas autoridades. Louvado seja Deus!

Todo bom começo tem um grande fim. No sábado 3 de março foram batizadas 307 almas em duas grandes piscinas instaladas para essa ocasião no Centro de Convenções ATLAPA. Nos meses de janeiro e fevereiro tinham sido batizadas 146 almas, o que dá um total de 453 almas. À tarde, todos os pastores através do país informaram que, no total, foram batizadas 1.287 pessoas.

Os presidentes dos Campos e os administradores da União Centro-Americana se reuniram conosco para realizar este batismo solene. O Pastor George Brown, Presidente da Divisão Interamericana, esteve presente à cerimônia, que ele qualificou de "extraordinária".

Como resultado das conferências e do impacto que elas causaram no país, temos um lindo grupo de irmãos que, segundo esperamos, logo se transformará numa igreja organizada.

O que ocorreu no Panamá é um testemunho de que "a colheita é farta"..., e que, como dirigentes, pastores e leigos, temos como prioridade o evangelismo, a pregação das Boas-Novas do Reino. A missão da Igreja é preparar um povo para a segunda vinda de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. No Panamá o Pastor Wilson demonstrou perante o mundo que o mais importante, "como dizemos na Divisão Interamericana", é ganhar almas para honra e glória de nosso Deus.

Desejamos expressar nossa gratidão ao Pastor Wilson, a sua equipe e a todos os que participaram deste grande esforço evangelístico. Oxalá as chamas do evangelho sempre permaneçam acesas em nosso coração até a segunda vinda de nosso Salvador Jesus Cristo!

**LEIA E ASSINE A
REVISTA ADVENTISTA**